

Série de seminários/consultas pela internet: “Os futuros da educação: aprendendo a tornar-se”

Promover ideias e debates para repensar o desenvolvimento, o conhecimento, a aprendizagem e a educação em um mundo de profundas mudanças

12 de novembro de 2020

Relatório e síntese do seminário e consulta pela internet n° 1: “Sustentabilidade humana e do planeta”

Link para vídeo: <https://youtu.be/bu1Dd7IMGM4>

Contexto

Em sua fala de abertura, Marlova Noletto, Diretora e Representante da UNESCO no Brasil, pontuou que a UNESCO está organizando esta série de seminários nas línguas oficiais das Nações Unidas, e a Fundação Santillana tem sido uma importante parceira para viabilizar a realização de seminários em português. A Comissão Internacional sobre Educação tem por objetivo elaborar uma agenda para construir a educação do futuro. Essa Comissão visa a ser participativa e aberta para todas as partes interessadas, envolvendo da melhor forma possível as comunidades escolares. O objetivo é mobilizar o coletivo para pensar e criar juntos o futuro que queremos e do qual precisamos. A pandemia afetou a educação de uma maneira sem precedentes e nos obriga a repensar a humanidade em comum. A pandemia também aprofundou as desigualdades, inclusive as educacionais, agravando um quadro anterior no qual uma em cada cinco crianças e jovens no mundo estava fora do sistema educacional. A pobreza e a desigualdade continuam a ser obstáculos para o acesso à educação e precisamos pensar qual educação queremos para transformar o futuro.

O tema deste seminário, a sustentabilidade, está intimamente ligado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), um compromisso assinado, em 2015, por todos os Estados-membros das Nações Unidas. Esses objetivos nos obrigam a pensar sobre a maneira pela qual podemos juntos construir um mundo melhor. O mote das Nações Unidas é não deixar ninguém para trás, o que significa, literalmente, um compromisso com todos, e por isso é tão importante o debate sobre os futuros da educação. A educação é um direito fundamental, transforma o mundo, é o motor do desenvolvimento sustentável e pilar das sociedades.

Miguel Thompson destacou que a Fundação Santillana estimula a educação e a cultura, e a questão ambiental é um tema precioso para os trabalhos da Fundação. É importante ressaltar este é um seminário sobre educação com a presença de professores como painelistas. As perguntas e os comentários realizados nesse e nos próximos seminários são de grande importância, pois servirão de subsídios para a elaboração do documento final da Comissão.

A composição da bancada buscou atender às recomendações de promoção da diversidade cultural e da igualdade de gênero no âmbito regional. Participaram duas mulheres e um homem como convidados principais, Marina Silva, nascida no Acre, Célia Xacriabá, de Minas Gerais, e Ricardo Abramovay, de São Paulo. Tivemos, portanto, visões distintas: a de Ricardo Abramovay, um intelectual branco, sociólogo, professor sênior de Ciência Ambiental da USP; a de Marina Silva, uma ex-seringueira, professora, ex-ministra do Meio Ambiente; e a de Célia Xacriabá, uma professora e líder indígena. Cada uma dessas pessoas tem expressiva representatividade no debate nacional. Além disso, atualmente, Cristóvam Buarque, ex-ministro da educação, ex-reitor da Universidade de Brasília e ex-senador da república, integra a Comissão Internacional dos Futuros da Educação da UNESCO.

Objetivo, perguntas orientadoras e participantes

Objetivo: O objetivo do seminário é situar no debate mundial sobre a sustentabilidade a perspectiva específica do Brasil, um país continental, responsável por uma das maiores e mais importantes florestas do planeta, integrado por ampla diversidade étnica e cultural. Nesse contexto, desenvolve-se uma sociedade que continua a ser uma das mais desiguais do mundo, numa região marcada pela sobrevivência de culturas ancestrais que ainda sofrem violência, perseguição, preconceitos e discriminações. A força e a riqueza dessa diversidade são, no entanto, fontes de inspiração e de saberes que guardam inestimáveis contribuições para o enfrentamento e a superação dos desafios que se vive no país, na região e no planeta.

A educação brasileira – que pese os obstáculos que precisam ser superados no acesso, nas aprendizagens e nos percursos escolares – é o mais amplo serviço público acessível à população. Considerando a variedade de biomas e ambientes, a complexidade da vida metropolitana e a amplitude dos campos e florestas, o Brasil registra índices expressivos de inclusão educacional, chegando a atender mais de 95% da população com idade entre 4 a 17 anos. Com 47 milhões de estudantes, a população escolar brasileira é superior à de muitos países, como a Argentina e o Canadá. Os desafios persistentes não devem esconder que há também inovação, dedicação, coragem e capacidade dos educadores, mais visíveis ainda no enfrentamento das limitações impostas pela pandemia.

Essa tensão entre dificuldades e potencialidades nos faz recordar as palavras de Paulo Freire, patrono da educação brasileira. Convidado a contribuir para a publicação “O livro da profecia: o Brasil no terceiro milênio”, publicado pelo Senado Federal em 1997, ele argumenta:

O pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo, e o anúncio de como poderíamos viver. [...] uma das bonitezas do anúncio profético está em que não anuncia o que virá necessariamente, mas o que pode vir ou não. [...] Há diferentes possibilidades de futuro.¹

Portanto, quando nos reunimos para pensar sobre *os futuros da educação*, é relevante reconhecer sementes, que já estão se desenvolvendo em diferentes espaços do território brasileiro e anunciam futuros solidários, cooperativos e sustentáveis. Onde crescem? Quem zela por elas? Como compartilhar a resistência e a criação dessas práticas que interpelam nosso presente em busca de um futuro promissor? Conforme lembra o documento propositivo da UNESCO:

Tal como o conhecimento, a educação deve ser considerada um bem comum mundial. O conhecimento e a aprendizagem, como partes do patrimônio comum, são os principais recursos renováveis de que dispõe a humanidade para responder aos desafios e inventar alternativas. Ainda que a educação possa considerar-se como uma ‘utopia necessária’ (Delors, 1996), é importante reconhecer que a organização e o desenvolvimento da aprendizagem são um elemento do aqui e agora que contribui para forjar o mundo. Também representam um espaço ético em que se vivem os valores e em no qual o ser, o

¹ FREIRE, P. *O livro da profecia: o Brasil no terceiro milênio*. Brasília: Senado Federal, 1997.

saber, o fazer e o conviver não apenas são preparados, mas que se fazem realidade.²

Portanto, olhar o presente para imaginar futuros implica em questioná-lo e nele encontrar as possibilidades que já anunciam as mudanças para futuros desejados.

Que essas informações iniciais contribuam para a exposição de convidados e convidadas e para a mais ampla participação do público.

Perguntas orientadoras:

- Que papel a educação desempenha ao assumir uma responsabilidade coletiva e colaborativa em relação à ecologia e à promoção de uma vida sustentável no planeta?
- Como a educação e a aprendizagem podem contribuir para modificar as mentalidades e as práticas existentes de produção e consumo, que são insustentáveis e devastadoras?
- De que maneira as capacidades humanas podem ser direcionadas para melhorar a qualidade da vida humana, e simultaneamente respeitar os ecossistemas que a sustentam?

Participantes:

Marlova Noleto (apresentação) – diretora e representante da UNESCO no Brasil

Rebeca Otero (apresentação) – coordenadora do Setor de Educação da UNESCO no Brasil

Miguel Thompson (apresentação) – diretor acadêmico da Fundação Santillana no Brasil

Cristovam Buarque (mediação) – ex-senador, ex-ministro da Educação e membro da Comissão Internacional Os Futuros da Educação

Marina Silva (painelista) – ambientalista, professora e política

Ricardo Abramovay (painelista) – sociólogo e professor titular da Universidade de São Paulo (USP)

Célia Xakriabá (painelista) – professora e ativista indígena

Análise dos temas abordados na sessão

² COMISIÓN INTERNACIONAL SOBRE LOS FUTUROS DE LA EDUCACIÓN. *Visión y marcos de los Futuros de la educación: aprender a convertirse*. Paris: UNESCO, 2020. p. 4. No original em espanhol: “Al igual que el conocimiento, la educación debe considerarse un *bien común mundial*. El conocimiento y el aprendizaje, como parte del patrimonio común, son los *principales recursos renovables de que dispone la humanidad* para responder a los desafíos e inventar alternativas. Aunque la educación puede considerarse una “utopía necesaria” (Delors y otros, 1996), es importante reconocer que la organización y el desarrollo del aprendizaje son un elemento del aquí y ahora que contribuye a forjar el mundo. También representan un espacio ético en el que se viven los valores y en el que el ser, el saber, el hacer y el convivir no solo se preparan, sino que se hacen realidad”.

Marina Silva: defendeu que ao refletir sobre o desafio da sustentabilidade, “é necessário adotar uma perspectiva mais ampla que vá além de um modelo de desenvolvimento. Sustentabilidade é muito mais que uma maneira de fazer, é uma maneira de ser. É uma visão de mundo que precisa ser traduzida nas mais diversas dimensões do fazer humano sustentado por perspectivas, processos e estruturas”. Sobre o papel da educação, ela destacou que “é preciso planejar uma educação que nos ensine a nos tornar pessoas habilitadas a fazer algo”. Por isso, propôs a pergunta: como educar para que as pessoas continuem a se sentirem criativas em um planeta que as limita? A professora concluiu afirmando que “educar é sair dos limites extensivos nos quais disputamos os recursos do planeta, para alcançar limites intensivos nos quais exploramos nossas capacidades e habilidades, o que só é possível dentro de uma perspectiva colaborativa”.

Célia Xacriabá: organizou sua fala a partir do argumento de que “a educação para o futuro pressupõe também falar do passado, pois não é possível repetir o mesmo processo de educação colonizadora. A *necropolítica* está com muita força e sempre teve como vítima a população indígena, que viu seu povo ser reduzido de 5 para quase 1 milhão de pessoas. Assim, o genocídio dos povos indígenas brasileiros representa não apenas a morte de corpos, mas também o fim de toda uma narrativa da história”. Por isso, em suas palavras, “a educação para o futuro deve considerar o que vivemos hoje, incluindo o genocídio dos povos indígenas; o *etnocídio*, que mata a história, a tradição, a língua, a memória e o modo de vida desse povo. Além disso, é necessário considerar a ameaça do *ecocídio*, quando tentam matar toda a biodiversidade; o *epistemicídio*, que não considera o modo indígena de pensar a educação, não respeita a professora-terra e o conhecimento do território”. Célia concluiu defendendo que “este é um momento urgente de repensar o projeto de educação, e não é possível fazê-lo sem respeitar a ciência que respeita o útero da Terra”. Segundo ela, “sabe-se construir cidades inteiras, mas perdeu-se a comunicação com o útero da terra; as pessoas sabem dizer seus endereços, mas perderam sua conexão de onde vêm”.

Ricardo Abramovay: o professor iniciou sua fala afirmando que “a sustentabilidade é o valor mais importante do nosso século. Ela não se refere somente ao meio ambiente e engloba um resumo da ideia do que é desenvolvimento sustentável”. Ele citou o economista Amartya Sen para destacar que “o importante na vida econômica não são as coisas, e sim o que as pessoas fazem delas”. Em suas palavras, “atualmente, o mundo produz cada vez mais alimentos, mas a pandemia da obesidade tem mostrado que os alimentos oferecidos à sociedade, em função de processos industriais e da oferta de alimentos muito processados, têm sido vetores de doenças graves no mundo contemporâneo. Desta forma, a sustentabilidade nos convida a pensar sobre o que estamos fazendo. Em um mundo com 8 bilhões de habitantes (caminhando para 11 bilhões), devemos que não apenas produzir

coisas, mas também pensar em produzir para quem, para onde e para quê”. Abramovay destacou que “a educação para o desenvolvimento sustentável (EDS) não é apenas uma educação para que o sistema econômico seja um pouco menos agressivo ao ecossistema, mas uma educação que procura sempre fazer com que as pessoas sejam capazes de reflexão e autorreflexão sobre o que elas estão fazendo”.

Cristovam Buarque: segundo ele, “a primeira responsabilidade é a de ter escolas com novos valores, para ensinar a criança a ter valores em relação à Terra, a si e à humanidade. Em relação à questão sobre sustentabilidade ser praticada hoje na economia existente, não vamos ter uma economia plenamente sustentável enquanto a teoria econômica vigente ser a do produtivismo e do consumismo”.

Desafios comuns: quais são os desafios educacionais comuns identificados pelos panelistas?

- Abordar a sustentabilidade de forma integrada, como uma forma de enxergar o mundo, e não como um acessório do modelo desenvolvimentista em questão.
- Promover reflexão constante sobre as questões do planeta e dos povos originários.
- Dar atenção, na área da educação, à promoção de valores igualitários e de respeito à Terra como ambiente comum à humanidade, para garantir as condições de vida das gerações atuais e futuras.

Quais temas não foram plenamente abordados, ou tiveram uma cobertura menor, mas que são relevantes para o marco dos Futuros da Educação e para o âmbito temático do seminário?

A questão da territorialidade foi pouco abordada. As visões destacaram de forma correta os processos globais que geram destruição e agravam as condições de vida das populações, e juntamente com outras políticas públicas, a educação foi convocada para enfrentar esse processo degradante do planeta e das condições da vida humana, como a obesidade, a pobreza, a destruição ambiental e a perda de vínculos com o planeta e com as gerações futuras. Embora necessária, a visão global não é suficiente para compreender as dinâmicas locais e os modos como os âmbitos local e global se articulam. As escolas são sempre territorialmente localizadas, que impõem desafios específicos vinculados aos territórios. A resposta aos desafios do planeta implica em compreensão dos desafios locais e em ação nos territórios a partir das suas próprias questões que, em períodos de globalização, tendem a expressar de modo singular as tensões impostas pelo processo global.

Participação da audiência

- Análise geral e descrição breve da interação no *chat* (quantidade de perguntas e comentários, temas centrais, tipo de participantes, *links* compartilhados e outros)

Ao todo, foram 558 comentários nos quatro canais em que o seminário foi exibido. A maior parte das interações foi de cumprimentos e elogios voltados ao tema/pertinência da discussão e às falas dos convidados. Uma parte importante, no entanto, levantou questões interessantes. Entre elas, destacam-se 15 interações com perguntas relevantes, ligadas à política e à educação.

- Ideias emergentes e desafios identificados pela audiência em torno de: 1) as perguntas identificadas para o seminário (ver nota conceitual); 2) as perguntas dirigidas aos painelistas; 3) outros comentários e ideias propostas pela audiência.

As perguntas da audiência se concentraram na importância de decisões políticas para que a sustentabilidade integre um projeto de educação nacional. Foi o que questionou Celio da Cunha: “Na perspectiva de educação para a sustentabilidade, quais são as responsabilidades e os papéis dos governos e das elites dirigentes?”

Levaram em consideração a enorme desigualdade brasileira, que é um desafio a mais neste contexto. Em um momento em que a pandemia de Covid-19 assola o país, a desigualdade ficou ainda mais aparente, e permeia todos os debates. Isso porque as aulas remotas impuseram mais dificuldades para os estudantes e professores que já estavam em desvantagem. Neste sentido, Ruth Zorneta questionou: “Como podemos conduzir a convivência, o sanar a fome e ainda o desafio de levar a tecnologia a todos os cantos brasileiros?”

Outra preocupação apontada pela audiência foi com o currículo das escolas. Como questionou Davi Sousa: “A sustentabilidade ainda não é tema transversal nos currículos das licenciaturas. É possível mudar esse cenário?” Estael de Lima Gonçalves também questionou: “Como ampliar as discussões e as práticas sustentáveis na educação de forma mais efetiva?”

- Métricas dos vídeos:

Canais transmitidos:

Facebook: Fundação Santillana e UNESCO Brasil

YouTube: Editora Moderna e UNESCO TV Portuguese

6.736 visualizações

234 espectadores simultâneos (pico)

Tempo médio de visualização: 14 minutos

Divulgação em portais especializados em educação e na coluna “Curto-Circuito” do jornal *Folha de S.Paulo*.

Conclusões

- Principais tendências identificadas e temas relevantes abordados

Durante o seminário, a desigualdade social, expressa na desigualdade ao acesso à educação e às aulas, principalmente durante o isolamento social devido à pandemia, foi o tema central das reflexões ligadas à educação. No debate sobre as questões da sustentabilidade, houve uma preocupação geral com os povos indígenas brasileiros, alvos de ameaças e violências concretas há séculos, mas novamente em um cenário intensificado pela pandemia, e seus direitos à terra, à saúde e à cidadania básica. A presença de convidados bastante ligados à política trouxe este viés para o debate, com a atenção para um projeto de nação que valorize o meio ambiente a sustentabilidade do planeta como um valor fundamental. Entretanto, houve consenso de que não seria um projeto hegemônico no momento, ainda que houvesse movimentos que resistissem de forma organizada e colocassem este debate em pauta. A educação, então, foi vista como um importante aliado, e veículo motor das transformações na sociedade que, por sua vez, seria capaz de cobrar e promover a mudança para um modelo que avance cada vez mais na direção da sustentabilidade.

Uma das questões centrais abordadas pelos convidados foi a necessidade de uma visão e de ações integradas para enfrentar os processos de degradação vivenciadas pelas sociedades ocidentais contemporâneas. Como observou Marina, o desafio da sustentabilidade “é uma visão de mundo que precisa ser traduzida nas mais diversas dimensões do fazer humano sustentado por perspectivas, processos e estruturas”. Do mesmo modo, Célia Xacriabá chamou a atenção para os processos de “ecocídio”, “etnocídio” e “epistemicídio” como uma combinação que ataca, de modo sistemático, o ambiente, as pessoas e os saberes que permitiram a construção de visões distintas da relação humana com a Terra. Ricardo Abramovay ampliou a visão da sustentabilidade para nela incluir as questões sobre a alimentação saudável, a superação da política genocida da “guerra às drogas” e outras formas fragmentadas de enfrentar os desafios contemporâneos. A urgência impõe uma nova forma de educação que estimule a reflexão

e a compreensão da complexidade que o tema da sustentabilidade impõe, muito além da domesticação da agressividade dos interesses econômicos.

- Reflexão: desafios a serem enfrentados ou aspectos a serem melhorados nas próximas sessões

Nos próximos seminários, é necessário organizar melhor os tempos das falas para que haja mais debate entre os participantes. Além disso, é possível orientar melhor os painelistas para que conheçam as perguntas norteadoras e organizem suas reflexões nessas direções, sem perder de vista a temática da educação. A relevância das questões e dos convidados foi muito acertada, e será desafiador manter este padrão nos próximos seminários.

Este relatório de evento foi publicado em 2020 pela Fundação Santillana em cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Representação da UNESCO no Brasil,

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste relatório não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da Fundação Santillana e da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da Fundação Santillana e as da UNESCO nem comprometem a Fundação e a Organização.

Esclarecimento: a UNESCO mantém, no cerne de suas prioridades, a promoção da igualdade de gênero, em todas as suas atividades e ações. Devido à especificidade da língua portuguesa, adotam-se, nesta publicação, os termos no gênero masculino, para facilitar a leitura, considerando as inúmeras menções ao longo do texto. Assim, embora alguns termos sejam escritos no masculino, eles referem-se igualmente ao gênero feminino.